

NARRATIVAS DOCENTES: EM DEBATE A ESCOLA E O PROFESSOR

DÉBORA VASCONCELLOS SINOTI¹; CRISTHIANNY BENTO BARREIRO²

¹Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – e-mail: debsinoti@gmail.com

²Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – e-mail: crisbbarreiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No tempo contemporâneo muito se veicula sobre o papel dos professores e da escola. Os professores parecem denunciar um entendimento de que seu trabalho está extrapolando os limites de sua profissionalização e do que entendem serem as atribuições de um professor. Paralelamente, percebe-se que as crianças entram cada vez mais cedo na escola, nela permanecendo por longos anos. As políticas públicas propõem a todo o instante a ampliação do tempo de permanência de crianças e jovens na escola. Também, os discentes parecem apresentar desinteresse frente ao que as escolas lhes apresentam; violência, indisciplina, evasão e repetência, são em alguns casos, uma constante. Desta maneira, cabe pensar: Qual a função da escola na sociedade atual? Qual seria seu papel dentro de um tempo com tamanhas modificações?

Neste trabalho, discutir-se-á o papel da escola, na visão do professor, a partir de suas narrativas. Com o problema: **Qual a concepção de escola, a partir das narrativas do professor?**

Os objetivos propostos são:

Objetivo Geral: compreender as concepções de escola, a partir das narrativas dos professores;

Objetivos Específicos: Identificar a concepção de escola presente na fala dos professores;

Compreender as concepções dos professores acerca do seu próprio papel diante da escola e sociedade.

Com vistas a alcançar uma ampliação acerca da compreensão do problema proposto, realizou-se o estudo sobre as concepções de escola e pedagogias, a partir de diversos teóricos, apresentados logo a seguir. Dando continuidade, apresentar-se-á a metodologia proposta e algumas considerações já alcançadas.

Escola: possibilidades e reflexões

Mariza Vorraber Costa propôs discutir com diversos autores acerca do futuro da escola, entrevistou Nilda Alves, Veiga-Neto, entre outros, para saber “Qual o futuro da escola”? Para COSTA (2007), existem determinados conjuntos de discursos em que prolifera uma tese “profética” de desaparecimento da escola. Para ela, é pertinente uma reflexão voltada aos rumos e possibilidades, contradizendo os ideais de superação, em suas palavras: [...] “não estou defendendo a escola, [...] o que quero ressaltar é que ela está viva, ativa e se mantém como um lugar de realizações possíveis e desejáveis”. (COSTA, 2007, p. 20).

Após alguns anos da obra de COSTA (2007), SIBÍLIA (2012) escreve o livro intitulado *Redes ou Paredes: a escola em tempos de dispersão*; com uma diferença de poucos anos entre uma obra e outra, evidencia-se um grande movimento dentro e fora das paredes escolares. Se de um lado, a educação é garantida e obrigatória a todos pelo Estado, o que nos leva a alguns princípios da escola Moderna, de outro, parecem estar corroídos.

SIBÍLIA (2012) refere-se a isso, dizendo que a instituição que costumava garantir o sucesso das outras instituições, era o Estado, agora a entidade que paira sobre todas as cabeças é o mercado, ou melhor, “o espírito do consumismo”, a ética empresarial. Nesta metamorfose, muitas escolas deixaram de ser disciplinares, para prestar serviço a certos tipos de clientes, “[...] agora se impõe a impressão vertiginosa de que cada uma deve lutar por sua própria carreira num contexto hostil e mutante”. (SIBÍLIA, 2012, p. 94).

Um olhar sobre a escola e sua gênese

Modernidade

Ao início do século XVII, a escola começa a assumir traços da escola moderna; impulsionada pelas tensões da Reforma e Contra-Reforma, pela crise da educação escolástica, pela revolução burguesa e pela ascensão do Estado centralizado e burocrático moderno. O Estado passou a administrar minuciosamente a escola, com vistas a formar o homem-cidadão, o homem técnico e o homem intelectual, e não mais –como fazia anteriormente a igreja – o bom cristão ou o bom católico. (CAMBI, 1999).

De acordo com o autor acima, o século XVII, mudará os fins e os meios da escola, configurando para esta, um papel mais social e universal. Nos anos seiscentos, início do século XVII, Jan Amos Comenius, importante líder religioso da época, escreveu entre outras obras, a Didática Magna, ou Tratado Universal da Arte de Ensinar Tudo a Todos.

Considerado o Pai da pedagogia Moderna, Jean-Jacques Rousseau, operou uma verdadeira revolução pedagógica. Contrariando as ideias correntes de sua época, Rousseau coloca a criança como o centro de suas teorizações, a educação da criança seria o caminho para construir um homem novo, natural e equilibrado.

Após Rousseau, mas profundamente calcada neste, surge a proposta de Kant. Em meio ao movimento Iluminista Immanuel Kant, criador da filosofia crítica, apresenta uma proposta educacional embasada na razão e da educação moral.

No curso do século XVIII ocorre a Revolução Industrial, um fenômeno que transforma profundamente a sociedade moderna, produzindo uma nova classe social (o proletariado) e um novo sujeito (o operário). Consequentemente fixa-se um novo tipo de homem social e cidadão.

Michel Foucault trata também acerca das questões da educação. Enquanto para Rousseau, as escolas eram consideradas “estabelecimentos ridículos” e o homem, deveria ser educado pela mãe e após, por um preceptor que assentaria seus ensinamentos no respeito à natureza humana – ensinando o viver - longe dos modelos educacionais de época; para Kant, caberia à escola e ao *erudito*, moldar o “tronco retorcido” através da moral e da razão; Foucault traz-nos outra ótica de análise, qual seja: a disciplina presente em todas as formas de educação e instituições sociais. Um poder dirigido ao corpo.

Época Contemporânea

Convencionalmente, segundo COTRIM (2005) a época contemporânea nasce em 1789 com a Revolução Francesa. Paralelamente à industrialização e movimentos nas classes sociais, é um tempo de reconhecimento de direitos humanos, do trabalhador, das etnias. É uma época de manifestações e rebeldia das massas e da democracia. “O cidadão da democracia é o indivíduo burguês, que tem autonomia, opinião e bens, portanto, sujeito público com plenos direitos.” (CAMBI, 1999, p. 380).

Na esfera educacional, a contemporaneidade adquire conotações políticas, mas também, se reestrutura em torno de um novo modelo teórico abrangendo a ciência e a filosofia, experimentação e crítica. Cada vez mais com um caráter

social, a pedagogia contemporânea, foi marcada por sua posição mediadora de processos sociais plurais e pela dependência de ideologias. Esse caráter ideológico foi uma descoberta do marxismo com teorias acerca das “ideias de classes dominantes”. De Marx a Althusser efetua-se uma reflexão sobre a ideologia e sua função, sublinhando a dimensão reprodutiva da pedagogia. O vínculo entre pedagogia e sociedade aparece como foco central na contemporaneidade, marcando o surgimento de novos sujeitos educacionais.

Surge neste período também, “o mito da educação”, devido a sua centralidade, a educação é vista como o fator chave do desenvolvimento social, substituindo a política, é ela quem deve construir o homem. Outro grande mito é o da infância, o menino é o modelo do homem livre. A pedagogia colocava-se em prol da criança, não da sociedade, pois seria a criança o futuro cidadão. No decorrer do século XIX, prosseguindo com CAMBI (1999), é a escola que forma o cidadão e é para ela, que são voltados os governos inspirados na “ordem social”, no “laborismo” ou “higienismo”. Ao lado da instituição educacional, está a família – instância educativa primária e natural -, um modelo de família nuclear, burguesa e modelo-guia para famílias operárias e camponesas.

Outra proposta da época contemporânea seria a educação voltada aos perfis profissionais, a escola assumiu como primeiro elemento a relação entre instrução e trabalho. A escola contemporânea é marcada então por quatro aspectos, a saber: a oposição entre escola de elite e escola do povo, a oposição entre escola da cultura e a escola profissionalizante; escola de todos e escola seletiva; e a oposição entre escola livre (liberdade de ensino) e escola conformativa (voltada à papéis sociais e produtivos).

2. METODOLOGIA

Através de uma abordagem de pesquisa qualitativa, de acordo com BOGDAN; BIKLEN (1994), pesquisa narrativa CLANDININ; CONNELLY (2011), BARBOUR (2009) e NÓVOA (1999), e a partir do caminho percorrido até aqui, com o intuito de dar continuidade a este estudo e melhor compreender a concepção de escola na visão do professor, apresenta-se a metodologia seguida.

Inicialmente, foi aplicado um questionário piloto, em uma escola municipal na cidade de Pelotas, com vistas a selecionar os docentes participantes. Dos 50 questionários entregues, 7 foram respondidos. Os respondentes foram convidados a participar do estudo e, dentre eles, 3 aceitaram a proposta. Foram realizadas entrevistas narrativas, em grupo, entre estes docentes. Ocorreram três encontros, os quais foram gravados. O primeiro com o escopo dos professores discorrerem sobre a questão: “Como me tornei professor”? Os outros dois, foram realizadas discussões entre os participantes, a partir de um grupo focal, sobre suas concepções acerca do papel da escola, através de temas retirados de páginas de redes sociais, histórias em quadrinhos, músicas, entre outros, sobre o foco aqui proposto. A partir de então, as narrativas serão transcritas e interpretadas, a partir da metodologia de Análise de Conteúdo de MORAES; GALLIAZZY (2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo encontra-se em fase de transcrição das entrevistas e na busca de referenciais teóricos que colaborem com o tema proposto. Problematizar a escola e sua gênese, bem como, lançar o olhar para as modificações de nosso tempo e, o reflexo destas na escola, são caminhos fecundos para a reflexão da escola que

possuímos e queremos. A partir das discussões realizadas em conjunto, através do grupo focal, proposto neste estudo, pretende-se seguir investigando esta instituição como lócus potente na formação humana. Não com o intuito de realizar profecias acerca de seu desaparecimento, ou este texto ser mais uma oportunidade de crítica à instituição, de um olhar de fora, para o que está dentro. Sim, de crença nas possibilidades de um local, onde crianças e jovens passam a maior parte do tempo de suas vidas, e na necessidade em dialogar sobre o que está ocorrendo entre as paredes escolares e, seus reflexos no cotidiano, mas principalmente, crença nas potencialidades humanas docentes, discentes, rumo à valorização do saber e do prazer nas salas de aulas.

4. CONCLUSÕES

Com esta proposta de trabalho, busca-se dialogar e colaborar com discussões acerca do papel da escola e do professor. Com vistas a refletir sobre os caminhos da educação e do cotidiano escolar, sob a ótica do professor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOUR, ROSALINE. **Grupos Focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BOGDAN, R. E BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.
- CLANDININ, D. E CONNELLY, F. **Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COMENIUS, I. A. C. **Didática Magna**. 2001. Disponível em: www.eBooksBrasil.org. Acessado em: 20 de outubro de 2013.
- COSTA, M. V. **A escola tem futuro?** 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- COTRIM, G. **História Global – Brasil e Geral**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- DALBOSCO, C. **Kant e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MORAES, R. E GALLIAZZI, M.C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.
- NÓVOA, A (Org.). **Vidas de professores**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1999.
- ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SIBÍLIA, P. **Redes ou Paredes: A escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.